



EDUCAÇÃO PÚBLICA E PESQUISA: ATAQUES, LUTAS E RESISTÊNCIAS

Universidade Federal Fluminense
20 a 24 de Outubro de 2019
Niterói - RJ

ISSN 2447-2808

5220 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

?... MAMÃE, EU TENHO UM NOVO AMIGO NA ESCOLA. ELE É GRANDE, MAS QUER APRENDER COM A GENTE...?
Rayffi Gumerindo Pereira de Souza - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

“... MAMÃE, EU TENHO UM NOVO AMIGO NA ESCOLA. ELE É GRANDE, MAS QUER APRENDER COM A GENTE...”

Resumo: O trabalho apresenta reflexões de uma pesquisa científica em andamento que tem como objetivo buscar compreender como a escola do campo percebe e vive as culturas infantis camponesas, no contexto das práticas pedagógicas cotidianas. Nesse recorte, objetivo apresentar alguns aspectos referentes à realidade das crianças em espaços escolares. Para tanto, me detive aos conceitos da infância enquanto categoria social e de criança como sujeito ativo e de direito (QVORTRUP, 2010; SARMENTO & PINTO, 1997; BARBOSA, 2013), me amparando na discussão da Sociologia da Infância. Para realização da pesquisa, realizei entrevistas, observação, videogravação, fotografias (BOGDAN & BIKLEN, 1991) e rodas de conversas (ALESSI, 2014). O estudo defende a importância de conceber a criança como copesquisadora (CHRISTENSEN & JAMES, 2005; ARENHART, 2016), tendo em vista que esse movimento oportuniza colocar em cena a reflexão sobre a infância partindo dos próprios sujeitos infantis que vivenciam a fase e possuem autoridade para falar sobre si.

Palavras-chave: Pesquisa com criança; Educação do/no campo; Infância; Criança.

Introdução

Este artigo apresenta um pouco do que temos vivenciado durante o desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica em nível de mestrado, em que a proposta é refletir sobre as culturas infantis no contexto da Educação do/no Campo, a partir da realidade de uma escola localizada em área rural, que oferta a etapa da Educação Infantil. A justificativa em investigar a relação entre as culturas infantis e o contexto do campo se dá por compreendermos que é preciso pensar as correlações existentes na vida das crianças no contexto de suas famílias e comunidade e o processo educativo da instituição de Educação Infantil, lócus da pesquisa.

Neste artigo, especificamente, olho para um aspecto metodológico e teórico com maior atenção: o posicionamento das crianças como sendo copesquisadoras (KRAMER, 2002; CHRISTENSEN & JAMES, 2005; ARENHART, 2016) e não apenas pesquisadas. A pesquisa em andamento considera os mais diversos aspectos das vidas das crianças, desde as brincadeiras habituais, até a alimentação, religiosidade, crenças folclóricas, musicalidade, dentre outros aspectos que estão inquestionavelmente na realidade cotidiana das crianças. No caso da pesquisa em questão, destacamos um aspecto contextual central: a realidade do campo. A instituição escolar onde a pesquisa está sendo desenvolvida, é inserida numa comunidade camponesa, o que tem sido bastante legitimado, tanto nas ações das crianças na escola, como em suas falas durante conversas informais, e, sobretudo, nas rodas de conversas que realizamos com elas.

Consideramos esse processo de mapeamento das culturas infantis do campo, e a análise de como se constitui a relação destas com a escola, uma vez que nos amparamos em dois marcos políticos que instituem diretrizes para a educação de crianças do e no campo, a saber: as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEIs (BRASIL, 2009) e as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo - DOEBEC (BRASIL, 2002). Tais documentos legais apontam para a obrigatoriedade de um processo educativo contextualizado, carregado de sentido para a criança.

Sociologia da Infância: base da orientação teórica

Os estudos da Sociologia da Infância se contrapõem à invisibilidade da infância e das crianças que foi construída durante muito tempo de nossa história, uma vez que visualiza as crianças enquanto atores sociais (CORSARO, 2011), que possuem um papel ativo na sua própria emancipação, de maneira que são influenciadas, mas também influenciam as relações vividas cotidianamente em sociedade, seja com seus pares (outras crianças) ou com os adultos (SARMENTO & PINTO, 1997).

Neste viés, consideramos as crianças como atores sociais e sujeitos ativos, o que implica tê-las como sujeitos produtores de culturas (CORSARO, 2011; KRAMER, 2011; BARBOSA, 2014). As crianças são influenciadas pelas ações adultas, no entanto, as práticas das crianças possuem autoria própria. Isso ocorre porque elas não reproduzem apenas as ações dos adultos, mas, ao se apropriar dos modos de ser do “mundo dos adultos”, elas criam seus próprios modos de ser, isto é, culturas infantis. Por meio de suas recriações as crianças vivenciam suas experiências próprias na infância (BENJAMIN, 1984). O processo de produção cultural das crianças não se dá de maneira solitária ou isolada, mas acontece exatamente a partir das relações estabelecidas entre criança-criança e criança-adulto, por meio de reelaborações de ações carregadas de significados para elas.

Sobre o pesquisar com crianças copesquisadoras: entre a fala e a escuta

No que diz respeito à especificidade da pesquisa com crianças, pode-se frisar o reconhecimento dessa forma de pesquisar, pois é uma ferramenta que oportuniza a participação infantil. Se trata de um exemplo prático daquilo que nossa base epistemológica defende: a criança como um sujeito ativo e de direitos. Uma pesquisa dessa natureza é necessária, pois “[...] os adultos não podem por si próprios compreender o mundo do ponto de vista da criança e, conseqüentemente, necessitam que as crianças o expliquem” (CHRISTENSEN & JAMES, 2005, p. 19).

A pesquisa com crianças permite que a mesma tenha sua voz ouvida, sua rotina contemplada, suas opiniões externadas,

seus significados e não significados compreendidos, pois incide nesse processo um estudo da Infância através dela mesma (SARMENTO & PINTO, 1997). Nesse sentido, as crianças são sujeitos da e na pesquisa, e esse fator se torna algo definidor e central no processo de pesquisa de campo. A expressão: "... mamãe, eu tenho um novo amigo na escola. Ele é grande, mas quer aprender com a gente..." (DIÁRIO DE CAMPO, 01/04/2019), que intitula esse trabalho, foi dita por uma criança à sua mãe logo que chegou em sua casa, após ter me conhecido na ocasião do primeiro dia em que cheguei na escola e me apresentei para todas as crianças, bem como expliquei o que seria a pesquisa e pedi a autorização delas para realização da mesma, tanto verbalmente, como através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por seus pais, além do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), assinado por todas as crianças, após aprovação da pesquisa no Comitê de Ética.

A partir de nossa orientação teórico-metodológica, destacamos duas maneiras de inserir as crianças como sujeitos de e na pesquisa. O primeiro é tê-las como participantes e a segunda é considerá-las copesquisadoras (CHRISTENSEN & PROUT, 2002). As crianças atuam como participantes e coautoras, exercendo a função de copesquisadoras nesse processo. Corsaro (2011) afirma que elas se tornam copesquisadoras mediante a apropriação da pesquisa, entendendo onde ela tem lugar na sua vida, ou seja, a partir de seu significado para elas. Nessa concepção "[...] as crianças não somente são esclarecidas sobre a pesquisa e consideradas no decorrer de todo o processo [...]" (ARENHART, 2016, p. 44), mas são incentivadas a participar ativamente da pesquisa.

Ainda ressaltamos que, durante a pesquisa apostamos numa postura de respeito junto às crianças, cabendo-nos buscar escutá-las, procurar compreendê-las, protegê-las e observá-las. Também tivemos o cuidado de preservar a imagem e a identidade das crianças que estão participando da pesquisa, uma vez que temos como princípio inviolável uma conduta ética, coerente com o que se espera de pesquisadores que atuam na área da Educação, de um modo geral, e particularmente na área da Educação Infantil. A esse respeito dialogamos com o conceito de simetria ética, apontado por Christensen & Prout (2002) e Arenhart (2016).

Metodologia

A pesquisa em desenvolvimento possui abordagem qualitativa (BOGDAN & BIKLEN, 1991), com traços de etnografia (MOREIRA & CALEFFE, 2008, p. 85-86). Como instrumentos para geração de dados durante a pesquisa utilizamos observação, entrevistas (TRIVIÑOS, 2009) para os pais das crianças, diretor escolar e professora, além de rodas de conversas com as crianças (ALESSI, 2014, p. 198), instrumento sem dúvidas muitíssimo importante para realização de uma pesquisa como esta, pois oportuniza o diálogo entre crianças-crianças e crianças-adultos, muito embora, nem sempre esse diálogo ocorra de maneira fluida, pois tensões fazem parte do processo.

Como recursos metodológicos para registro dos dados produzidos, fizemos uso de diário de campo, fotografias, videogravação durante as interações das crianças na comunidade e na escola, bem como desenhos produzidos pelas crianças, nas mesmas oportunidades em que ocorreram as rodas de conversas (BOGDAN & BIKLEN, 1991, p. 150). As técnicas de análise metodológica utilizada para análise do corpus da pesquisa, é a análise de conteúdo (BARDIN, 2011, p. 11) e a triangulação (TRIVIÑOS, 1995, p. 138).

Considerações (não) finais

Considerar as crianças enquanto sujeitos ativos e de direitos numa sociedade regulada por adultos não é tarefa fácil. Essa experiência de pesquisa com crianças, em espaço escolar, tem possibilitado constatar que as crianças podem falar sobre suas realidades, sobretudo quando essas falas estão relacionadas ao contexto onde vivem, às práticas cotidianas delas, bem como à rotina escolar. Destaco a fala de uma das mães das crianças, que foi entrevistada, quando esta afirma que: "... meu filho disse um dia que não queria ir para a escola, que queria ficar em casa trabalhando comigo, mas que se a professora desenhasse um cavalo para ele, aí sim ele iria..." (DIÁRIO DE CAMPO, 04/04/2019). Essa fala da criança, relatada pela mãe, deu a nossa pesquisa, deixando claro o quanto ela se sente implicada no contexto do campo, e como busca viver isso em seu cotidiano escolar como algo prazeroso. Nesse sentido, esperamos que nossas considerações nesse trabalho possam contribuir para as reflexões que consideram o que pensam as crianças, entendendo-as como sujeitos capazes de serem copesquisadoras em pesquisas científicas.

Referências

- ALESSI, V. M. *Rodas de conversa: uma análise das vozes infantis na perspectiva do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Editora UFPR, 2014.
- ARENHART, D. *Culturas infantis e desigualdades sociais*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.
- BARBOSA, M. C. S. *Culturas infantis: contribuições e reflexões*. Revista Diálogo Educ., Curitiba, v. 14, n. 43, p. 645-667, set./dez. 2014.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOGDAN, R; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e métodos*. Porto Editora, 1991.
- BRASIL. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica do Campo. Resolução CNE/CEB nº 1/2002)
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília, DF: MEC; SEB, 2010.
- CHRISTENSEN, P. & PROUT, A. *Working with ethical symmetry in social rearch with children*. *Childhood*, vol. 9, n. 4, 2002.
- CHRISTENSEN, P. JAMES, A. *Investigação com crianças. Perspectivas e Práticas*. Porto: ESE Paula Frassinetti, 2005.
- CORSARO, W. A. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- KRAMER, S. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: BAZÍLIO, L. C.; KRAMER, S. *Infância, Educação e Direitos Humanos*. São Paulo: Cortez, 2011.
- MOREIRA, H. CALEFFE. L. G. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. 2. ed. São Paulo: DP&A, 2008.
- QVORTRUP, J. *A infância enquanto categoria estrutural*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.2, p. 631-643, maio/ago, 2010.
- SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In PINTO, M.; SARMENTO, M.J.(coords.) *As crianças: contextos e identidades*. Braga: Universidade do Minho, 1997.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação*. 5 ed. 18, São Paulo: Atlas, 2009.